



Os primórdios do fotojornalismo em Campo Grande (MS) - Origens e gêneros das fotografias dos diários entre as décadas de 1930 e 1960¹

Silvio da Costa PEREIRA - UFMS/UFSC²

Resumo: O presente artigo apresenta conclusões preliminares de um projeto de pesquisa centrado na história do fotojornalismo em Mato Grosso do Sul. Neste relato focalizamos o uso de fotografias nas páginas dos três principais jornais diários da cidade de Campo Grande (MS) entre 1930 e 1969, período em que não havia na cidade profissionais atuando no âmbito do que Sousa (2004) considera fotojornalismo moderno. O trabalho busca identificar os tipos de imagens veiculadas, bem como a mudança no uso deles ao longo do tempo. Procura ainda reconhecer as principais características que marcam o uso das fotografias usadas nos diários, e também identificar as possíveis origens das imagens publicadas. A metodologia empregada abrange pesquisa bibliográfica e documental, bem como análise qualitativa e quantitativa de um corpus selecionado. Conclui-se por um uso bastante disseminado de retratos fechados no rosto, por uma dependência de fontes externas para imagens de cunho mais informativo, e por uma associação direta ou indireta com o trabalho de fotógrafos comerciais.

Palavras-chave: Jornalismo. Fotografia. Jornais Diários.

1. Apresentação

Vista da ótica desta segunda década do século XXI, o uso da fotografia no jornalismo se mostra solidificado. Há padrões de trabalho, gêneros fotojornalísticos, profissionais especializados, e a imagem é valorizada como informação dentro de jornais, revistas e sites noticiosos. Tudo isso, porém, foi construído, principalmente, ao longo do século XX. E não ocorreu ao mesmo tempo, posto que dependeu de diversos fatores, tais como o acesso à informações e à tecnologias, a presença de profissionais da fotografia que buscassem atuar na área jornalística, assim como de empresas que fomentassem o uso da fotografia como informação em seus veículos.

Tendo por objetivo contribuir para a compreensão de tais transformações no estado de Mato Grosso do Sul, o presente artigo focaliza o uso de fotografias na imprensa diária de Campo Grande (MS). O recorte escolhido abrange as décadas de 1930 a 1960, período que consideramos como proto-fotojornalístico nessa região, uma vez que não havia ainda atividade regular e contínua de produção fotojornalística própria.

Através de pesquisa bibliográfica e documental, fizemos uma análise centrada nos três principais jornais diários que circularam na cidade nesse período, buscando verificar os tipos, espaço de publicação e frequência das imagens usadas, bem como suas possíveis origens. Esse trabalho é um

¹ Trabalho submetido ao GT História do Jornalismo do 3º Encontro Centro-Oeste de História da Mídia

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com atuação focada na área da fotografia e fotojornalismo. Email: silvio.pereira@ufms.br



resultado parcial de pesquisa que busca identificar e analisar o uso de fotografias na imprensa de Mato Grosso do Sul, do século XIX até o presente.

2. A imprensa em Mato Grosso e sua chegada a Campo Grande

A imprensa aporta em Mato Grosso no ano de 1839, quando em 14 de agosto circula em Cuiabá o primeiro número de *Themis Mato-Grossense* (MENDONÇA, 1963, p. 8). Em Campo Grande, a imprensa só vai aparecer sete décadas depois, pelas mãos do advogado pernambucano, primeiro juiz de Direito da comarca, e futuro Intendente (prefeito). *O Estado de Matto Grosso* circulou pela primeira vez em 22 de junho de 1913, sendo o primeiro jornal tipograficamente impresso no sul do estado³ (RODRIGUES, 1989, p. 12). O jornal tinha 4 páginas, e no relato de Rodrigues não há referência ao uso de fotografias, o que nos faz supor que elas não foram usadas. O jornal “deve ter circulado até o início de 1915” (RODRIGUES, 1989, p. 41).

Nessa época a futura capital de Mato Grosso do Sul era apenas uma próspera vila, com cerca de 2 mil habitantes. No entanto, a construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil (NOB)⁴ ligando o interior de São Paulo a Corumbá, e que passava por Campo Grande, fez com que muitas pessoas para esta última se mudassem. Entre elas, os primeiros fotógrafos da cidade, como veremos a seguir.

3. A fotografia em Mato Grosso

De acordo com o levantamento feito por Lucídio (2008), os primeiros fotógrafos a atuar na região que hoje compõe o estado do Mato Grosso do Sul o fizeram no século XIX, de forma itinerante ou como membros de expedições científicas.

Os fotógrafos itinerantes tinham o hábito de se fazer anunciar nos jornais da cidade por onde passavam; no Mato Grosso, em Corumbá e Cuiabá. As primeiras notícias datam de 1860 [...] Acompanhando uma tendência europeia, as expedições científicas que se dirigiram ao Mato Grosso, a partir de 1860, aos poucos abriram mão dos pintores e aderiram à fotografia (LUCÍDIO, 2008, p. 10).

Da mesma forma que na Europa, também em Mato Grosso foram os retratos o primeiro gênero fotográfico a se transformar em ofício lucrativo. O trabalho ocorria nas fazendas e foi interrompido durante a Guerra do Paraguai (1864-1868), na qual parte do atual estado de Mato

³ Em 1904 circulara 'O Colibri', todo manuscrito, editado por Jayme Novaes.

⁴ A construção da estrada iniciou em 1905, mas em 1907 o percurso foi alterado, passando a ter Corumbá como ponto final, e colocando Campo Grande na rota do desenvolvimento que viria.



Grosso do Sul foi encampado pelo país vizinho. Nesse período circularam pela região fotógrafos voltados à produção de retratos dos combatentes.

[A] maior parte da documentação fotográfica da guerra é representada pelos milhares de *carte-de-visite* de soldados a generais feitos entre 1864 e 1870 [...] O conflito inaugurou uma competição feroz entre os fotógrafos que disputavam o enorme mercado, representado pelos milhares de soldados (TORAL, 1999, p. 287)

O fim da guerra e a reabertura da navegação no rio Paraguai trouxeram de volta os fotógrafos a Cuiabá e Corumbá, as duas mais importantes cidades de Mato Grosso naquela época, a segunda delas situada hoje em Mato Grosso do Sul.

No final do século XIX e início do XX, fotógrafos estiveram na região para registrar a realização de obras como a construção de ferrovias ou a implantação de linhas telegráficas. Também o estudo sobre a criação de gado se valeu de fotografias, como as feitas por Rodolfo Endlich na cidade de Aquidauana em 1898 (LUCÍDIO, 2008, p. 59-61).

Não restam dúvidas de que foi grande a movimentação de fotógrafos pelo Mato Grosso ao longo da segunda metade do século XIX. Nesse ir e vir, o tempo passou, as técnicas melhoraram, os preços diminuíram e a fotografia, pouco a pouco, foi se tornando objeto de consumo mais corriqueiro. Ao raiar do novo século, já era costume oferecer fotografias de presente e registrar momentos das vidas cotidianas e privadas das pessoas e famílias mato-grossenses. (LUCÍDIO, 2008, p. 60)

O início do século XX marca também a fixação dos primeiros fotógrafos nas cidades do sul de Mato Grosso. Em Campo Grande, são pioneiros o francês Albert Joseph Braud e o japonês Hyoshi Katayama.

Nascido em Grenoble, França, em 1877, Braud teria chegado ao Brasil através de Corumbá em setembro de 1900. Em 1909 muda-se para Campo Grande, onde reside até 1921. Sua passagem por Campo Grande é registrada por Machado (1997, p. 114), que o descreve como “o morador mais famoso” da rua boêmia da cidade, onde mantinha um ateliê. Segundo Machado, Braud dividia seu tempo trabalhando em uma casa de comércio e tirando fotos nas fazendas. De Campo Grande ele segue para Ponta Porã, cidade onde mora até sua morte em 1944. Nessa última cidade Braud teria trabalhado para a Companhia Mate Laranjeira e sido “o responsável pelo registro fotográfico até hoje existente, publicado em todas as matérias sobre a empresa”. (CONTAR, 2012).

Hyoshi Katayama chegou a Campo Grande em 1918, proveniente de São Paulo (WAQUED NETO, 2000). Na cidade, trabalhou para o Exército, e em 1922 abriu o primeiro estúdio fotográfico



local, o Orient Studio-Foto Katayama (KATAYAMA, 2007, p. 34). Trabalhava com a ajuda da esposa e dos filhos, tendo pelo menos um deles (Roberto Katumi Katayama) seguido o ofício.

Mas foi na principal cidade do sul de Mato Grosso no final do século XIX e início do XX - Corumbá - que encontramos o primeiro relato documentado de trabalho jornalístico executado por um fotógrafo comercial local. No início do século XX muda-se para Corumbá o fotógrafo espanhol Miguel Perez Lopes, que “desbravou Mato Grosso uno em lombo de burro e carregando quilos de equipamentos, transformando-se no primeiro fotógrafo a registrar, com afinco, uma região tida como inóspita” (MACIEL, 2006, p. 53). Em fevereiro de 1927, Peres é contratado por Rafael Correia de Oliveira, diretor da sucursal de O Jornal, de São Paulo, para ir até La Gaiba, na Bolívia, produzir uma série de reportagens sobre Luis Carlos Prestes, que estava no país vizinho. (CORRÊA, 2006, p. 131). De acordo com o historiador Vladimir Corrêa, as fotos da Coluna Prestes feitas por Perez foram publicadas em veículos da imprensa estadual – como a Folha de Serra, de Campo Grande – e nacional – como o Diário da Noite, de São Paulo.

Isso demonstra que, mesmo sem a explicitação da autoria junto às fotos publicadas, podemos enxergar através dos relatos históricos que havia uma relação de prestação de serviços entre alguns fotógrafos locais e a imprensa, em uma época na qual a função de repórter fotográfico ainda não havia sido implantada no estado.

4. O recorte da pesquisa: tempo e veículos

A pesquisa teve uma abordagem inicialmente bibliográfica, mas em função da inexistência de publicações focadas no tema, bem como por vislumbrarmos que as informações existentes haviam sido publicadas de forma esparsa em estudos e relatos gerais sobre as cidades do atual estado de Mato Grosso do Sul, decidimos partir para uma abordagem de cunho documental, centrada no material produzido pela imprensa que estivesse disponível para pesquisa.

Decidimos trabalhar com o Jornal do Comércio (JC), O Matogrossense (OM) e Correio do Estado (CE) por serem os três principais diários de Campo Grande no período de 1930 a 1969, por terem sido publicados ao longo de muitos anos dentro do período escolhido, e também por existirem diversas edições deles disponíveis em acervos da cidade (Arquivo Histórico Municipal, Jornal Correio do Estado, Fundação Barbosa Rodrigues e Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul). Nenhum dos acervos consultados, no entanto, possui a coleção completa destes ou de outros jornais sul-mato-grossenses. A década de 1930 foi escolhida como início por nela já vemos



uma imprensa estabelecida na cidade. E a década de 1960 foi definida como ponto final por ser 1968 o marco zero do fotojornalismo moderno local, como explicaremos adiante.

Fundado em 13 de abril de 1920 pelo advogado e jornalista Jayme Ferreira de Vasconcellos, o JC se dizia, na primeira edição a circular, voltado aos “legítimos interesses do comércio e das classes produtoras” e “sem ligações ou dependências partidárias” (ZANATTA, 1996, p. 29). Inicialmente criado como um semanário, ele passa a circular diariamente em abril de 1927. Em 1930 é empastelado por ter dado apoio à candidatura de Júlio Prestes à Presidência da República, voltando a circular quando os ânimos se acalmaram. Em 1958 Vasconcellos vende o jornal para Antônio Moraes Chaves, que em 1962 o vende para o arcebispo de Campo Grande, D. Antônio Barbosa, o qual em 1964 repassa a responsabilidade de publicação do jornal para a Missão Salesiana, que o mantém circulando até 31 de dezembro de 1970, quando o jornal fecha as portas devido a dificuldades financeiras (ZANATTA, 1996, p. 32).

O Matogrossense circula pela primeira vez em 26 de agosto de 1949⁵, data de aniversário da cidade de Campo Grande. Era um matutino ligado ao Partido Social Progressista (PSP), mas que mais tarde viria a apoiar o Partido Social Democrático (PSD) de Filinto Muller. Dirigido por Arthur Jorge, tinha João Leite da Silva como redator-chefe. Circula até a década de 1970.

O CE foi fundado em 7 de fevereiro de 1954 por José Inácio da Costa Moraes e Roberto Brunini com a finalidade de dar apoio à União Democrática Nacional (UDN) e assim contrapor-se a O Matogrossense. Como a ligação política lhe trazia perdas financeiras, Brunini vende sua parte para José Barbosa Rodrigues cerca de dois anos depois. Foi o terceiro jornal com este nome em Mato Grosso: o primeiro surgiu em Corumbá em 1909 e o segundo em Cuiabá em 1920. Tem circulação diária desde sua fundação. (ZANATTA, 1996, p. 36). Hoje é o diário de maior circulação no estado de Mato Grosso do Sul.

5. Quantidade, local de publicação e gênero das fotos veiculadas

Apesar de termos acesso a uma amostra descontínua e incompleta do que foi publicado, tínhamos à disposição uma grande quantidade de edições dos três diários. Assim, o primeiro passo foi observar todo material disponível, buscando semelhanças e diferenças, os tipos de fotografias publicadas, bem como indicações da autoria e/ou origem das imagens, de forma a podermos definir

⁵ Nos valem aqui de nota publicada na capa do Jornal do Comércio em 29 de agosto de 1949, e que noticia a inauguração do concorrente, mesmo sabendo que Mendonça (1963, p. 50) indica o ano de 1944.



focos específicos para a análise. Isso foi necessário em função da ausência de bibliografia a respeito que cobrisse o período pesquisado na região selecionada, e que pudesse nos adiantar características gerais das imagens publicadas pela imprensa.

Essa visão geral do material ressaltou alguns aspectos que mereciam ser detalhados: o grande uso de retratos, muitos dos quais repetidos ao longo de várias edições; nas décadas de 1930 e 1940, mas também de 1950, ainda era grande o número de páginas ou mesmo edições inteiras sem fotografias; apenas poucas matérias contavam com o uso de duas ou mais fotografias, e parecia haver uma associação delas com datas ou eventos especiais; não havia marcas que indicassem a autoria das fotografias, exceto quando do uso de algumas fotografias de agência.

Tal visão panorâmica sugeriu haver um uso pequeno de fotografias nos anos 1930, que tal uso teria aumentado durante a Segunda Guerra Mundial, caído nos anos 1950 e voltado a subir na década de 1960. Para verificar tal hipótese realizamos uma análise quantitativa do número, localização e gênero das fotografias usadas junto às matérias jornalísticas ou artigos⁶, a partir da seleção de um *corpus*, composto pelas edições publicados ao longo de um mês, em cada uma das décadas analisadas. O ano escolhido foi sempre o do meio da década (1935, 1945, 1955 e 1965) e o mês foi aquele onde havia mais material disponível no JC⁷.

Em fevereiro de 1935 tínhamos à disposição 6 edições do JC, todas de 4 páginas. Apenas uma delas trazia uma fotografia – um retrato⁸, do tipo *mug shot* -, publicada na capa. A observação panorâmica realizada sugere que o uso de retratos *mug shot*, prioritariamente na capa, era o típico uso de fotografia no JC nessa década. A exceção ficou por conta da data de aniversário do jornal, 13 de abril, à qual tivemos acesso apenas no ano de 1935. Ela possuía 14 páginas, nas quais foram publicadas 8 fotos, sendo 7 retratos *mug shot* e uma ilustração fotográfica⁹ (a fachada de um prédio). Também observamos, ao longo dessa década, o uso razoavelmente comum de retratos em formato oval. A observação do uso sistemático de retratos de corte fechado sugere que eles eram

⁶ Não consideramos, neste levantamento, as fotografias usadas em publicidades explícitas.

⁷ Tal priorização se deu porque o acervo disponível dos dois outros diários situavam-se em extremos opostos: tínhamos poucas edições de OM e quase todas do CE.

⁸ No fotojornalismo, o retrato busca mostrar a face de pessoas ou grupos, ou evidenciar um traço de sua personalidade. O destaque à(s) pessoa(s) é a principal função do retrato, que pode ser: *mug shot* quando abrange apenas rosto e ombros, vedetizando o retratado; ou ambiental, que é mais aberto e inclui o contexto em torno da pessoa ou grupo (SOUSA, 2004).

⁹ Imagens que procuram sugerir mais do que evidenciar. Muitas vezes abordam interpretativamente o tema, opinando ou analisando. São, assim, fotos planejadas para gerar determinado efeito. Podem também ser construídas por montagem (SOUSA, 2004).



mais usados para identificar (e valorizar) a pessoa retratada do que para complementar informativamente a notícia.



Figura 1: Capa de 16/02/1935 (esquerda) e página 2 da edição de aniversário de 1935 (direita), ambas do Jornal do Comércio

Dez anos depois o cenário muda. Em janeiro de 1945 acessamos 17 edições, sendo que em duas delas haviam páginas ausentes. Todas possuíam 4 páginas. Encontramos 8 edições com fotografias, totalizando 12 imagens, sendo 10 retratos e 2 fotografias de notícias¹⁰ (uma foto de guerra e outra da entrega de um prêmio). A capa continua sendo o principal local de publicação de fotografias, mas elas passam a ser encontradas mais facilmente nas páginas internas e na contracapa. Apenas uma página continha duas fotografias. Das 68 páginas disponíveis, 11 delas receberam fotografias. A observação panorâmica e não quantitativa do JC da década de 1940 sugere um aumento no uso de fotos. Boa parte das fotografias de notícias pareciam vir de agências, relacionadas direta ou indiretamente à Segunda Guerra Mundial. Mas as fotografias de ilustração também eram vistas em matérias sobre temas de Campo Grande ou outras cidades de Mato Grosso, sendo possivelmente produzidas por fotógrafos da região.

¹⁰ Para Sousa (2004) as fotografias de notícias podem ser compostas de *spot news*, ou seja, de fotos únicas de acontecimentos “duros” (*hard news*) e geralmente imprevistos, ou notícias em geral, estas últimas ligadas a ocorrências sazonais ou programadas, como cerimônias, desfiles ou espetáculos.

23 e 24/Junho/2016
UFMS - Campo Grande MS

Alcar
Associação Brasileira de Pesquisadores
de História da Mídia/Centro-Oeste

3º Encontro Centro-Oeste de História da Mídia



Figura 2 - Capas do Jornal do Comércio em 03/01/1945 (esquerda) e 29/05/1943 (direita)

Na década de 1950 a amostragem revela que houve um decréscimo no uso de fotografias. Nas 20 edições disponíveis do JC de novembro de 1955 - todas de 4 páginas - encontramos apenas um pequeno retrato (*mug shot*) de Winston Churchill, usada na capa do dia 28. Em OM a situação foi idêntica: nas 20 edições disponíveis, encontramos apenas um pequeno retrato - também *mug shot* - do senador Filinto Muller, na capa do dia 6 de novembro de 1959¹¹. No CE houve uso e diversidade maiores: encontramos 6 fotografias, distribuídas em 6 edições diferentes. Em 5 delas a imagem estava na capa, e uma foto estava na contracapa. Interessante notar que encontramos 3 retratos, mas também duas fotografias de notícia e uma ilustração fotográfica.

A redução de imagens pode ser parcialmente explicada pelo fim da guerra, e com ela do recebimento de imagens tecnicamente bem resolvidas, gratuitas, e de grande apelo noticioso. Tal hipótese está relacionada à observação panorâmica de um decréscimo no uso de fotos de agências. Também foi notada uma redução no uso de imagens de produção local. Isso foi observado no JC a partir de 1953, tomando contornos mais fortes em 1955 e permanecendo assim até o final da década.

¹¹ Usamos o ano de 1959 para O Matogrossense, ao invés de 1955, por ser o único ano da década de 1950 com edições disponíveis para pesquisa nos arquivos de Campo Grande

23 e 24/Junho/2016

UFMS - Campo Grande MS



3º Encontro Centro-Oeste de História da Mídia



Figura 3 – Fotos publicadas na capa do Correio do Estado nos dias 9 (esq.) e 14/11/1955. A da esquerda é uma produção local que mesmo posada carrega informação: o grupo implanta uma placa de trânsito. A da direita é uma recebida de agência ou da própria empresa de aviação.

Mas é na década de 1960 que aparece um uso já razoavelmente disseminado de fotografias nos diários locais. No JC encontramos 17 fotos, distribuídas nas 122 páginas das 16 edições disponíveis. A maioria tinha 6 páginas, mas há 8 edições de 8 páginas e uma edição - a de 26 de agosto, aniversário de Campo Grande - com 16 páginas. Em OM havia 18 fotografias nas 66 páginas das 12 edições disponíveis. Todas - exceto a de 26 de agosto, com 22 páginas - tinham 8 páginas. No CE encontramos 32 fotografias, distribuídas ao longo das 126 páginas das 25 edições disponíveis. A maioria tinha 4 páginas, mas há nove edições de 6 páginas e duas de 8 páginas. Não tivemos acesso à edição de 26 de agosto. Tal crescimento no uso de fotografias se deu tanto pelo acréscimo na quantidade de retratos quanto pelo uso de fotografias de ilustração e de notícias. Há também o incremento do uso de imagens recebidas de instituições, como a ONU (Organização das Nações Unidas) e a USIS (United States Information Service).

A limitação do arquivo fotográfico foi notada em todos os jornais pesquisados, em função da repetição da mesma fotografia em muitas edições¹². A repetição da imagem por vezes avança anos, como é o caso de uma fotografia do Marechal Rondon e outra do Marechal Gaspar Dutra com a

¹² Há vários exemplos, mas ressaltaremos aqui apenas um de cada jornal. No dia 13/04/1944 a página 5 do JC traz a mesma foto usada na capa no dia 13/05/1943: a vista de uma ponte sobre o rio Perdido, construída pelo Exército. Nos dias 17, 18, 19, 21, 22 e 24/10/1966, OM traz na capa a mesma foto do então candidato a prefeito de Campo Grande, Levy Dias. No CE uma foto bastante repetida em 1954 foi a de Marcílio de Oliveira Lima, vista em 10, 12, 18, 22, 23, 26 e 29/09, 2 e 20/10, 11/11 e 30/12.



faixa presidencial, que foram usadas incontáveis vezes ao longo de mais de dez anos no JC, entre as décadas de 1940 e 1950. Mesmo considerando que os jornais apoiavam determinados políticos e que isso pode implicar na repetição da imagem dele no jornal, o que aqui buscamos ressaltar é a existência de pequeno acervo, denotada pelo uso contínuo de uma única fotografia.

Também foram observadas composições com mais de uma fotografia, montadas lado a lado, ou acima/abaixo. Por vezes esse conjunto de imagens aparecia dentro de um único quadro, como se fosse uma colagem, não sugerindo uma narrativa, mas apenas ilustrando a situação com várias fotografias. Encontramos, no entanto, pelo menos um uso no qual a composição de diversas fotos busca criar uma narrativa pela série, na capa do JC de 10 de abril de 1954, em uma matéria que promove a comparação fotográfica entre duas administrações municipais¹³.



Figura 9 - A proposta dessa página se assemelha bastante ao gênero de Histórias Fotográficas, onde uma série de imagens, ao atuar em conjunto, constituem um elemento compreensivo e desenvolvido a respeito da temática (SOUSA, 2004, p. 101)

6. As origens das fotografias veiculadas nos jornais de Campo Grande

No período estudado, a quase total ausência de créditos nas fotografias torna de difícil identificação a autoria, e com ela a origem das mesmas. Algumas observações realizadas ao longo

¹³ Ela faz parte de uma série de artigos contra o novo prefeito, possivelmente de 'oposição' ao jornal.



do processo de pesquisa, no entanto, nos levam a enxergar três possíveis fontes: fotógrafos comerciais que produziam imagens para os jornais, fotógrafos comerciais que produziam imagens para pessoas ou instituições com a finalidade de que fossem enviadas aos jornais, e agências/assessorias.

Não consideramos a hipótese de haver repórteres fotográficos trabalhando nestes jornais no período pesquisado¹⁴, embora não descartemos a possibilidade de algumas fotografias da década de 1960 terem sido feitas por repórteres de texto.

A presença de imagens feitas por fotógrafos comerciais de outras cidades pode ser constatada quando foi mantida a assinatura do autor. Por extensão podemos supor que fotógrafos comerciais de Campo Grande ou de cidades da região também tenham produzido retratos que foram usados nos diários locais.



Figura 4 - À esquerda foto publicada na capa do *Correio do Estado* de 14/04/1955, e à direita na capa do *Jornal do Comércio* de 29/05/1943. Em ambas o nome do fotógrafo é de difícil leitura mas a palavra 'Rio', referência ao local de produção, é bem legível.

No caso de outros gêneros fotográficos, como as paisagens, as imagens tanto podem ter sido feitas a pedido da pessoa ou instituição retratada, como do jornal. Quando o tema era regional, possivelmente o fotógrafo também atuava na região. É o caso das imagens publicadas na capa do

¹⁴ Em entrevista concedida ao autor no dia 20/06/2011 o fotojornalista campo-grandense Roberto Higa conta que a primeira geração de fotojornalistas locais formou-se no final da década de 1960 e início de 1970 a partir da chegada de Danton Garro quando da criação do *Diário da Serra*, dos *Diários Associados*, maio de 1968. Esse profissional teria atuado em outros veículos de Chateaubriand e passou a dar aulas informais a Higa e a Raimundo Alves Filho, que foram os dois primeiros fotojornalistas locais. Por isso consideramos 1968 o Marco Zero do fotojornalismo moderno (Sousa, 2004) em Campo Grande. E por este motivo a presente pesquisa estendeu-se apenas até a década de 1960.

Jornal do Comércio no dia 4 de agosto de 1943, e que mostram o hospital militar. Katayama (2007, p. 34) afirma que o avô trabalhou para os militares da 9ª Região, participando de diversas atividades. Também encontramos fotografias, que eram do acervo do JC e foram doadas ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), que retratam o desfile de 7 de setembro de 1956 e possuem o logotipo do “Foto Katayama”. Tais indícios sugerem que a produção dos fotógrafos regionais que ia parar nas páginas dos jornais locais ia muito além dos retratos.

Há produções, no entanto, que possivelmente foram feitas a pedido dos jornais. É o que sugere a legenda e o texto¹⁵ de matéria sobre a reconstrução de ponte sobre o rio Anhanduí, publicada na contracapa de O Matogrossense em 28 de janeiro de 1956.



Figura 5 – Uma das duas fotos publicadas em O Matogrossense em 28/01/1956

Ass agências - de notícias, institucionais ou estatais - são as únicas fontes de imagens que podem ser constatadas nos créditos ou nos arquivos pesquisados. Conseguimos identificar fotografias enviadas aos jornais campograndenses pela Press Parga, Agência Nacional, ONU, USIS e Inter Americana.

A Press Parga, dos jornalistas Amorim Parga e Vítor do Espírito Santo. Fornecia texto e fotos para vários jornais do país na década de 1940. Segundo Molina (2015, p.420) ela foi “outra tentativa

¹⁵ “Nós que acompanhamos desde o primeiro momento a luta sustentada pelo Dr. Ramiro e seus companheiros para manter a ponte sobre o Anhanduí, evitando um colapso no trânsito da rodovia, documentamos fotograficamente aquele trabalho e hoje aqui o reproduzimos”



de montar uma agência noticiosa brasileira, na qual também trabalhou Cláudio Abramo. Era um empreendimento precário: não tinha repórteres e reescrevia as informações publicadas pelos jornais”.



Figura 6 - Na contracapa do JC de 22/09/1943, a anotação “via aérea” em uma foto enviada pela Press Parga sugere que o material não vinha por telefoto, mas de avião.

A Agência Nacional foi criada por Getúlio Vargas em 1945 e tinha entre suas funções “distribuir à imprensa o noticiário e o serviço fotográfico de eventos ligados ao governo” (GOUVEA, 2010). Inicialmente vinculada ao Departamento Nacional de Informações, ela passa, um ano após sua criação, a ser vinculada diretamente ao Ministério da Justiça. Não há identificação, no jornal, do uso de fotos oriundas da Agência Nacional, mas na pesquisa que fizemos junto ao IHGMS encontramos, no acervo do JC, duas fotografias com o carimbo 'Agência Nacional' no verso – uma de Eurico Gaspar Dutra e uma de Getúlio Vargas. Mesmo não localizando o dia e página do uso de tais imagens, isso mostra que o jornal recebia fotos da Agência Nacional.

Fotos enviadas pela Agência Interamericana recebem indicação explícita no JC, como na capa de 2 de junho de 1944, ou na página 4 de 25 de junho de 1943, ambas instantâneos da Segunda Guerra Mundial. Trata-se, possivelmente do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, agência criada em 1940 e que fazia parte da 'política de boa vizinhança' criada pelo governo dos Estados Unidos junto aos países da América Latina. O JC anotava a origem também junto a algumas fotografias da ONU (Organização das Nações Unidas) e do USIS (United States



Information Service¹⁶), esta última sendo uma espécie de agência de informações ou notícias do governo dos EUA.



Figura 7 – À esquerda, foto recebida da Agência Inter-Americana (capa, 02/06/1944) e à direita foto creditada à USIS (p. 2, 06/07/1951), ambas no Jornal do Comércio

7. Considerações finais

A observação detalhada do material fotográfico de viés jornalístico publicado nos três principais diários de Campo Grande (MS) entre as décadas de 1930 e 1960 nos permite ver que, apesar do aumento e diversificação do material utilizado, ainda não podemos pensar em fotojornalismo moderno, tal como define Sousa (2004). Nesse sentido, verificamos que os jornais campo-grandenses situam-se, pelo menos até o final da década de 1960, em um uso mais ilustrativo e complementar da fotografia em relação ao texto, com uma publicação prioritariamente de retratos *mug shot* até a década de 1950, o que assinala um uso fortemente editorializado e propagandístico em relação às personalidades retratadas.

É inegável que houve grande evolução, do uso inicial centrado em retratos para um uso mais diversificado de formatos. Mas tal variedade dependia em grande parte das fotos recebidas de terceiros, fato que se destacou no decréscimo do uso de imagens na década de 1950. Tal situação só era alterada em algumas datas comemorativas, quando havia uma possível produção própria baseada em fotógrafos locais. Mas mesmo aqui com caráter ilustrativo, no sentido da imagem ser apenas um complemento ao texto.

¹⁶ Também conhecida como USIA (United States Information Agency)



O que não se vê nas páginas dos diários pesquisados é uma produção própria que busque valorizar a fotografia como elemento narrativo, ou a edição do material fotográfico recebido de fontes externas de forma a atuar no mesmo sentido (informativo/narrativo). Pode-se observar, no entanto, que esse uso começa a ser ensaiado em algumas matérias da década de 1960.

Referências:

CONTAR, Edson. Albert Joseph Braud - um flash em nosso passado. **Facebook - Albert Joseph Braud por Edson C Contar**. Publicada em 5/12/2012. Disponível em <<http://migre.me/tQCQM>>. Acesso em 3/4/2015.

CORRÊA, Valmir Batista. A ousadia de um jovem repórter corumbaense. **Corumbá: terra de lutas e sonhos**. Brasília: Senado Federal, 2006, p. 127-151.

GOUVEA, Viviane. A ditadura por sua agência. **Memórias Reveladas: Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil (1964-1985)**. Brasília: [2010] data provável. Disponível em <<http://migre.me/tQLHY>>. Acesso em 21/4/2015.

LUCÍDIO, João Antônio Botelho. **Ofício e arte: fotógrafos e fotografia em Mato Grosso 1860-1960**. Cuabá/MT: Carlini & Caniato: EdUFMT, 2008.

KATAYAMA, Sérgio Mendes. Hiyoshi Katayama: o profissional que instalou o primeiro estúdio fotográfico de Campo Grande. In: **Personalidades**. Sério Campo Grande, ano IX. FUNDAC: Campo Grande (MS), 2007.

MACHADO, Paulo Coelho. **A rua alegre**. Coleção Pelas Ruas de Campo Grande, v. IV, Campo Grande / MS, 1997.

MACIEL, Alexandre. Cinema, fotografia e vídeo. **Revista do Conselho Municipal de Cultura de Campo Grande**, Campo Grande (MS), n. 2, p. 53-55, 2006.

MENDONÇA, Rubens de. **História do jornalismo em Mato Grosso**. [S.l.: s.n.], 1963.

MOLINA, Matias M. **História dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

RODRIGUES, J. Barbosa. **O primeiro jornal de Campo Grande**. Editora Litero-Técnica: Campo Grande/MS, 1989

SOUSA, Jorge P. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TORAL, André Amaral de. **Entre retratos e cadáveres: a fotografia na guerra do Paraguai**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 283-310, 1999.

WAQUED NETO, Rachid. **Retrato por detrás da câmara: a fotografia em Campo Grande**. ARCA - Revista de Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande / MS, n. 7, p. 41-55, 2000.

ZANATTA, Jacir Afonso. **70 anos de jornalismo diário em Campo Grande**. Monografia de Conclusão de Curso em Comunicação Social - Jornalismo. UFMS: Campo Grande/MS, 1996.